



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

A propósito da retirada de Soult em 1809

«mas nam pode ser falado
quanto sente a fantesya»

Trovas de D. Diogo, in *Cancioneiro*
de Rezende, fls. 86 v.º.

A retirada do exército de Soult para a Galiza, em Maio de 1809, teve, na sua última fase, aspectos impressionantes que não mereceram ainda a atenção devida por parte dos nossos historiadores da guerra peninsular. Em regra, os sucessos finais englobaram-se em ligeiro capítulo e classificaram-se como fuga apressada e desordenada perante a investida do exército anglo-luso. Possivelmente não se entrou em linha de conta com o terreno que as circunstâncias obrigaram os Franceses a atravessar, e com a qualidade e hábitos das tropas imperiais.

Na verdade, essa parte do vale do Cávado entre o Gerez e as ramificações da serra da Cabreira, independentemente da beleza cenográfica que é impolgante, apresenta tão complicada movimentação que qualquer superficial observador se sentirá embaraçado para a compreender e definir; depois, mais para cima, quando o fragedo alteroso e os cortes fundos de feição granítica se começam a modificar e a deixar ver o arredondado das encostas de terra negra que alargam o vale a pouco e pouco, na direcção de Montalegre, a orografia é mais ampla, embora à custa da solidão que se acentua e da agrura e dificuldades dos caminhos.

E' então que se entra nessas vastas alturas, que Fr. Luís de Sousa nos inculca, do seu retiro serêno de S. Domingos de Benfica, como «de picos que

vão às nuvens, de brenhas temerosas, de vales profundíssimos e passos perigosos, que mais parecem morada de feras e selvagens que de homens capazes de razão e juízo» (1). E é necessário ver e sentir, com sinceridade, a passagem do exuberante vale, a montante do Bouro, através dessas gargantas para cima de Salamonde até à largueza que intesta com a serra do Larouco; e pôr de lado, por um pouco que seja, as preocupações de patriotismo deformador; para se compreender o que foi êsse passo da retirada do exército francês, e o poder de resistência e de adaptação dessas tropas habituadas a vencer em vastos campos espectaculosos ao simples toque da varinha mágica do génio de Bonaparte e que aqui, entre Minho e Trás-os-Montes, tiveram que encarar um problema diferente dos que estavam habituados a resolver (2).

Além disso, terão também passado um tanto ou quanto despercebidas as razões oficiais apresentadas nos relatórios e ofícios dos comandos aliados que tentam explicar a falta de êxito da perseguição, como se houvesse a certeza de que as ordens e planos dados, talvez sem grande base devido às dificuldades de comunicações e incerteza das informações, podessem ter exacta realidade contra gente resoluta que se não considerava, por forma alguma, vencida e que justificava bem o Imperador ao dizer que, afinal, a arte da guerra é simples — tudo vai da maneira como se executa.

Essas razões ou justificações oficiais deram aso, até, a certos mal-entendidos e retaliações, quando o conhecimento dos sucessos começou a aparecer claro aos olhos de todos; e parece que não houve serenidade para ver que um conjunto de circunstâncias, mais do

(1) *Vida de Fr. Bartolomeu dos Mártires*, cap. v, livro III. Fr. Luís de Sousa parece não ter visitado a região; ouviria informações e fez quadro de maior ou menor fantasia.

(2) Há mais de 25 anos, um ilustre oficial que hoje ocupa, em Portugal, muito elevado e honroso cargo, me chamou a atenção para o assunto, fazendo-me ver quanta energia, iniciativa, poder de adaptação e resistência aos reveses, mostraram os generais que dirigiram esta fase da marcha. Fiquei com desejo de percorrer a região; mas só agora, depois duma casual passeata pelo vale do Cávado e Alturas do Barroso, me resolvi a transmitir as minhas impressões.

que a vontade dos homens, impediu a realização do plano formado, com a agravante ainda de que o exército anglo-luso, se atingiu materialmente o adversário, não conseguiu atingir a mentalidade dos seus chefes.

*
* * *

Na verdade, o marechal Soult, embora precedido de justa fama de possuir inteligência bastante culta e de ser um dos generais que melhor sabiam compreender os planos napoleónicos, cometeu vários erros de que resultaram, em parte, as complicações da retirada.

Passando sem os discutir porque não é êsse o meu intento, vê-se contudo que, no duque da Dalmácia e nos generais seus subalternos, surgiram logo as qualidades notáveis de desembaraço, decisão e mobilidade que os não deixavam sucumbir ao primeiro revés e, por consequência, os levaram a resistir vigorosamente perante os perigos.

A largada, quasi súbita, do Pôrto para o Norte, obrigada perante a forte pressão dos aliados, deveria ser feita debaixo dum plano geral bastante vago, sem concretização lógica como seria natural e deveria ser apanágio dos subalternos do Imperador; mas o certo é que as colunas seguiram segundo as indicações dadas e o exército anglo-luso, no seu encalço, não conseguiu, desde logo, entrar-lhes a marcha — o que equivale a dizer que o moral seria tão pouco atingido no exército francês que a primeira fase da retirada correu o mais normalmente possível, sujeita, com certeza, àquele princípio que já foi exposto com simplicidade por Xenofonte ao dizer que, para um exército, o melhor caminho é o mais curto (1)...

De facto, nos primeiros momentos, desde as incertezas do dia 11 de Maio à surpresa da manhã de 12, os dirigentes da retirada seriam levados a procurar a maneira mais rápida de reconquistarem a liberdade de movimentos; e para isso teriam de se afastar do Pôrto e ocuparem posições seguras para as comunica-

(1) *Ciropeia ou a educação de Ciro*, liv. II, cap. IV.

ções até ao ponto de perderem, tanto quanto possível, o contacto com os perseguidores. Tudo dependeria das forças contrárias, isto é: de se poder conseguir o escoamento do exército por caminhos livres e de certa facilidade para a marcha.

Ora Soult, quando mandou largar da cidade, e teria noções claras da situação das forças anglo-lusas já bem organizadas e das outras forças portuguesas mais ou menos regulares que o cercavam por toda a parte?

O primeiro momento da retirada deveria ser, pois, para o Duque da Dalmácia, um momento amargo pela incerteza da maior parte dos elementos necessários para uma decisão razoável; à sua volta haveria larga confusão de notícias e a marcha seria feita, não direi às *escuras*, mas sujeita a muitas surpresas e, perante estas, destinada a ser levada à má cara através de regiões hostis pela natureza e pelos habitantes.

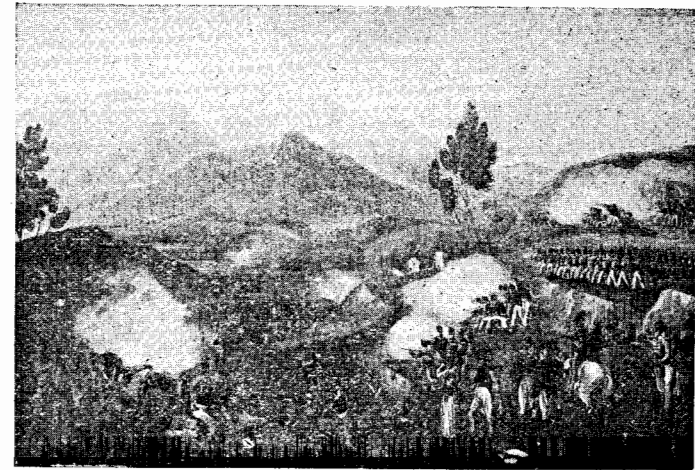
Foi assim que, no dia 13, as forças francesas, ao longo do vale do Sousa que não tinha estradas, antes caminhos maus, se viram na colisão de seguir para Guimarães com o risco conseqüente ao inconcebível abandono de Amarante por Loison; e em coluna muito profunda, devido à estreiteza dos atalhos, e sem artilharia e sem viaturas que o apêto da situação mandou destruir, e acossados por mau tempo que tolhia bastante a marcha, lá passaram ao vale do Cávado — única passagem possível naquela altura.

Começa então, com a chegada na noite de 15 ao lugarejo de Salomonde, a parte que se poderá chamar mais romanesca da retirada e que mostrou melhor, no lance, quanto valiam os comandos. E' necessário sentir com sinceridade (como disse) a região movimentada daquela margem do Cávado e não se contentar com o exame das cartas ou as impressões fugidias de turista, para se abranger não só as dificuldades e perigos da marcha, senão também o drama íntimo dos chefes que retiravam.

Não pareça exagêro falar do drama íntimo dos chefes.

Os generais franceses tinham responsabilidades de certa ordem e as campanhas anteriores deram-lhes hábitos diferentes; o prestígio napoleónico e as qualidades próprias levaram-nos, até aí, a triunfos amplos,

a não saberem o que era, pròpriamente, uma retirada, e muito menos a lutarem com terrenos bravios e desertos onde, por detrás de cada penhasco podia haver uma espingarda apontada — ambiente incerto e traiçoeiro, próprio para o aparecimento de tôdas as más hipóteses e criador de todos os desânimos. Habituar-se a ter em si confiança segura, a não pensarem



«Battle of Salomonde. May 16th 1809»

(Gravura colorida, talvez inédita, da coleção do Arquivo Histórico Militar, obsequiosamente cedida pelo seu Ilustre Director).

muitas vezes no valor dos adversários, em regra (é certo) de qualidade inferior não tanto pela massa dos exércitos inimigos, senão pelos seus chefes — e isto tudo deu-lhes visão bastante errada da campanha que lhes pareceria de muito fácil brevidade (1).

Daqui veio, pois, possivelmente, bastante desilusão íntima nos comandos franceses; e como é que os

(1) Um ajudante de campo de Soult confessou: «...accoutumés à vaincre, nous étions sans inquiétude pour l'avenir, et nous étions bien surs, s'il fallait battre en retraite, de nous frayer un passage;...» (*Memoires du General C.^{te} de Saint-Chamans ancien aide de camp du marechal Soult. 1802-1832, a pág. 133*).

vencedores de Iena e Austerlitz se viam obrigados perante um exército quasi improvisado, a retirarem por sendas impraticáveis, verdadeiramente encurrallados entre desfiladeiros e covões profundos, abandonando material, destruindo munições, reduzindo tudo ao ponto de poderem marchar depressa para salvar as vidas e, tanto quanto possível, a unidade do exército? Era, na verdade, para tal gente, um agudo problema moral que não seria concretizado com lógica e para cuja acuidade não se antolharia fácil encontrar uma origem sem recorrer à inferioridade da execução dos seus planos e à falta de previsão de quem mandava.

Tudo, certamente, viria da má visão do comêço, do desprezo pelo que poderia valer o exército britânico e ainda do maior desprezo pelos soldados portugueses cuja organização regular se julgava impossível.

Nesse lugarejo de Salamonde, cujo nome nos indica a sua velha origem germânica, e onde dois meses antes, quasi dia por dia, a defesa dos Portugueses fôra ligeira e tumultuária, começou, pois, a revelar-se a facilidade de adaptação dos comandos do exército que retirava à nova e estranha maneira de fazer a guerra. Ali, o esplendor da Natureza, só impressionaria os espíritos pelas dificuldades que apresentava e mostraria bem o contraste entre a beleza cenográfica do conjunto e as penosas reflexões dos invasores a que o mau tempo e chuvas copiosas dariam maior aspereza (1).

*
* * *

Ora Wellesley, no mesmo dia 15, chegara a Braga com o grosso das suas fôrças e pareceralhe que as agruras da região por onde Soult se embrenhara, da-

(1) É interessante notar que Le Noble, um dos melhores memorialistas, impressionou-se pelo cenário natural que encontrou nestas paragens e deixou expressa essa impressão na sua muito citada obra, *Campagnes des Generaux Français depuis la Revolution de 1789 jusqu'a nos jours. Campagne de Galice et de Portugal (1809) par le marechal Soult, duque de Dalmatie*. Paris, 1851, no cap. VIII.

riam tempo a que, com as fôrças que rondavam para os lados do Tâmega, lhe cortasse a retirada antes do Marechal francês conseguir alcançar o terreno mais amplo na direcção da fronteira; pensou, e, à primeira vista, bem, que não seria possível ao duque da Dalmácia ver-se livre facilmente de tão difícil e intrincado terreno.

Neste sentido ordenou a Beresford empregasse os esforços para tolher a marcha ao inimigo, não tanto nas posições fronteiriças, mas desde as primeiras dificuldades que forçosamente haveria de encontrar pelas alturas de Ruivães ao esbarrar com os vales profundos e escarpados dos afluentes do Cávado, ao N. da Cabreira, onde as passagens eram poucas e difíceis.

Beresford, por sua vez, adiantou-se às ordens do Generalíssimo (1) e ordenou ao Brigadeiro Pinto da Silveira que marchasse com pressa para o Cávado, ocupasse aquelas passagens e obstasse ao avanço dos Franceses até êle poder cooperar na acção; e para isso reforçou as suas fôrças com mais Infantaria e um contingente de Cavalaria (2).

Deu esta ordem, segundo parece, em 14 «depois do meio-dia», logo que soube da retirada; mas quero crer que ainda sem elementos certos da posição pro-

(1) «...o M.^{al} Beresford antecipou os meus desejos mandando ao General Silveira, etc.» (Ofício de Wellesley para D. Miguel Pereira Forjaz, datado de Ruivães aos 19 de Maio: doc.º n.º 2, caixa 10, da 14.ª secção da 1.ª Divisão no Arquivo Histórico Militar. Êste ofício, com data de 18 e com muitas variantes, vem publicado na *Gazeta* de Lisboa, n.º 27, de 3 de Julho e em Soriano: *História da Guerra civil e do Governo Parlamentar em Portugal*, 2.ª Época, t.ºmo V, Parte I, pág. 469 e seg.^{es}).

(2) As fôrças do Brigad.º Francisco da Silveira Pinto da Fonseca eram, nesta altura, dois batalhões do R. I. n.º 12, dois do 24 e os regimentos de milicias de Bragança e Moncorvo (*Ordem do Dia* de 11 de Maio, datada de Lamego, no códice ms. n.º 232, fundo antigo, da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. sem numeração. Está impressa na colecção muito conhecida das *Ordens do Dia*). O reforço dado foi do batalhão de Caçadores n.º 4 e da Cavalaria comandada pelo Conde de Sampaio (Ofício de Beresford, para D. Miguel Pereira Forjaz, de 15 de Maio, de Amarante: doc.º n.º 1, fls. 239, caixa 18, 14.ª secção da 1.ª Divisão, do A. H. Militar; foi publicado na colecção *Subsídios para a História Militar de Portugal*, no doc.º n.º 132 (97), a pág. 257 do vol. XVI da *Revista do Exército e da Armada*).

vável do adversário e ainda sem conhecimento definido da Província e, em especial, dos caminhos utilizáveis (1). Deu a ordem, possivelmente, em resultado de observação feita sobre as cartas topográficas (2); e realmente se o Marechal francês seguisse para Chaves ou para Montalegre, as posições indicadas desde que fôsem ocupadas com certo vigor, obrigá-los-ia a retroceder e a procurar outro caminho — o que tudo junto seria gravíssimo contratempo de resultados desastrosos.

Mas a verdade, também, é que à hora provável a que o Marechal inglês deu a ordem a Silveira, já a vanguarda do exército de Soult, por esforço notável de marcha, estava nas alturas de Lanhoso, vinda de Guimarães e pretendia, no dia imediato, seguir para a estrada do vale do Cávado.

Põe-se, pois, aqui a dúvida: era possível ao comandante português chegar primeiro do que os Franceses?

Silveira estava, então, perto de Amarante, em Manhufe, depois de Loison abandonar a passagem do Tâmega; daqui ao Cávado, subindo por Terras de Basto para contornar, por Nordeste, o macisso da Cabreira, ia larga e penosa distância de mais de 50 quilómetros; e Silveira perdera muito do seu prestígio depois da derrota da ponte amarantina e sentia que não poderia exigir demasiado às suas tropas, gente sem grande coesão (principalmente as milícias) e ainda

(1) Ofício para D. Miguel P. Forjaz, datado de Amarante aos 15 de Maio (Doc.º n.º 1, fls. 239, caixa 18 cit. do A. H. M., publicado nos cit.ºs «Subsídios...», doc.º 132 (97) a pág. 257 do vol. XVI da *Revista do Exército e da Armada* e em A. P. Taveira: *Estudo Histórico sobre a campanha do Marechal Soult*, doc.º n.º 96 (com alguns erros de leitura), a pág. LXXI). Diz o mesmo no ofício de 13 de Julho datado do Quartel-general do Calhariz, para o mesmo destinatário (Doc.º n.º 1, fls. 172-177, caixa 17 da d.ª secção no A. H. M. e publicado nos *Subsídios* cit.ºs, doc.º 207 (350) a pág. 346 do vol. XIX da cit. *Revista* e em Soriano: obr. cit., 2.ª Epoca, t. V, Parte I, pág. 472). Repete ainda o mesmo no *Relatório* das operações datado de Lisboa aos 21 de Setembro (In Soriano: obr. cit., a pág. 430-446 do cit. vol.).

(2) Napier diz que Beresford devia possuir boas cartas da região. Mas havê-las-ia na época? (*Histoire de la Guerre de la Péninsule...*, Trad., cap. II, liv.º VIII, a pág. 369 do vol. 3.º).

influenciada pelas indisciplinas de há dois meses, com um corpo de oficiais, na maior parte, de mau recrutamento, e na sua maioria pouco à altura da missão que as circunstâncias exigiam (1).

O que se passou com Silveira, no momento de receber a ordem, não é fácil de averiguar, no meio de certa confusão de elementos em que nem sempre predomina a sinceridade.

Julgo natural, porém, que o Brigadeiro português (2) preocupado não só com o evolucionar das operações, como também com a sua situação pessoal perante os homens que comandava e perante a população das terras que teria que defender, tivesse hesitado ligeiramente — não por falta de vontade de atacar e reduzir os Franceses, como por encarar com realidade a distância que teria de percorrer e as chuvas grossas que caíam e tornavam os caminhos extremamente difíceis. No seu *Diário* deixa este passo dos seus trabalhos um tanto ou quanto confuso (3); não esclarece com precisão o que fez e dá a impressão de que o não quis esclarecer — talvez porque, perante estas acusações, não quisesse ir tocar em ponto que se relacionasse com ordens de Beresford, possivelmente sem grande clareza e sem facilidade de execução (4).

(1) Algum tempo depois, o truculento José Agostinho de Macedo comentava esta retirada de Silveira com a má-língua costumada:

«Ei-lo vai de Amarante até Lamego
Com tanta pressa que lhe esqueceu a bota,
Porque o tiro escutou de uma pistola
E de um porta-machado as barbas vira, etc.»

(In *Os Burros*, canto IV, pág. 175 da ed. de 1892).

(2) Foi promovido a este posto por *mercê* de 4 de Janeiro de 1809, datada do Rio de Janeiro (Doc.º no processo n.º 858-A, caixa 583, da 7.ª secção, 3.ª Divisão do Arquivo Histórico Militar).

(3) «*Diário oficial das operações militares do G.º Francisco da Silveira desde a Invasão dos Franceses até à sua total expulsão destes Reinos*», no n.º 24, suplemento extraordinário, de 14 de Junho de 1809, e seguintes, da *Gazeta de Lisboa*. A passagem a que me refiro vem no 1.º suplemento ao n.º 24 de 16 de Junho.

(4) O falecido historiador A. P. Taveira fez notar a ambi-güidade das ordens de Beresford, segundo as alegações de Sil-

Ordenar que se tomassem posições para tolher a marcha do exército inimigo era fácil; mas as probabilidades de êxito, e a própria execução, tinham seus quês que, de certo, Silveira, afeito como estava a êste género de campanhas e conhecedor da Província e dos homens que, no momento, poderiam ter dúvidas em lhe obedecer, veria com mais serenidade. Daqui resultou, quem sabe, a demora de que o Marechal inglês depois se queixou e de que fêz cavalo de batalha para explicar a fuga, a são e salvo, do exército francês para a Galiza, sem conseguir realizar o projecto (de certo mais na imaginação e no desejo do que na realidade) de o aprisionar em massa (1).

E tudo isto serviu de pretexto para alijar certas responsabilidades que, uma vez por outra, os comandos britânicos costumavam lançar sôbre os ombros dos Portugueses nem sempre com razão e, em regra, com alguma injustiça (2).

Nestes pequenos episódios — que nem por serem pequenos deixaram de ter conseqüências de vulto para o conjunto da campanha — há certa obscuridade que deixa indecisa a crítica; mas há também matéria para comentários que livremente podem visar a sinceridade dos depoimentos daqueles que mais influência tiveram nos sucessos.

Só quem se não viu em casos semelhantes é que não compreende como é da própria natureza humana o tentar, por qualquer forma, a explicação da falta de êxito e (o que é pior) o empurrar para os outros as culpas daquilo que não foi capaz, melhor ou pior, de realizar.

E' natural que sempre assim fôsse. E quem tem

veira (*Estudo histórico sôbre a campanha do M.^{al} Soult*, pág. 171, nota); assim como depois V. José César (*Invasões francesas em Portugal*, 2.^a Parte, cap. xxxiii).

(1) Em Lisboa constou que Soult e todos os seus generais foram aprisionados antes de poderem alcançar Montalegre (*Diário Lisbonense*, n.º 18 de 23 de Maio e *Gazeta de Lisboa*, n.º 21, suplem. extraord. do mesmo dia).

(2) Já toquei em assunto semelhante no meu pequeno artigo acerca da chamada manobra de Boialvo, em Setembro de 1810, a seguir à batalha do Buçaco (*Revista Militar*, n.º 4, vol. de 1938).

de compulsar documentos, é bom que se lembre das fraquezas do próximo.

*

* *

Ora o marechal Soult, resolvido a internar-se pelos ásperos caminhos da margem esquerda do Cávado, fê-lo com energia e decisão que nem sempre a crítica lhe concede (1). Pode ser que os generais seus subalternos tivessem grande parte no resultado da retirada, apesar de certas dissensões e, segundo parece, alguns despeitos; mas o certo é que a marcha se conseguiu sem desfalecimentos e os obstáculos encontrados foram reduzidos com valor e sem hesitações.

E' verdade que as resistências opostas não foram de grande vulto; mas as circunstâncias em que elas surgiam davam-lhes um valor maior e, em certos casos, com aspectos quási insuperáveis. E' preciso não esquecer que os Franceses não tinham informações exactas acerca das posições ocupadas pelos aliados; e os reconhecimentos feitos não deram a medida do que valeria a oposição — de modo que qualquer obstáculo que encontravam, quer fôsse simplesmente da Natureza quer levantado pelos adversários, assumiria o aspecto de problema grave que era necessário resolver com rapidez.

E com efeito, quer fôsse pela decisão superior de Soult, quer pela iniciativa dos seus imediatos, tudo foi resolvido com rapidez e vigor.

Logo acima de Salamonde, ao esbarrar com o fundo vale do rio do Saltadouro que desagua no Cávado, os Franceses tiveram a primeira dificuldade séria — no ponto em que se separam as velhas estradas que de Braga levavam a Montalegre e a Chaves;

(1) O general Lewal, por ex., afirma: «Il n'a pas les grandes initiatives et ne veut pas se compromettre. Il admire, il sollicite des ordres.» (*La veillée d'Iena*, pág. 66). Mais modernamente, um historiador chama-lhe, neste lance, «le pauvre roi Nicolas» (Louis Madelin: *Le Consulat et l'Empire. 1799-1809*, cap. xxxi, a pág. 422).

era urgente passar e decidir por qual das direcções: à direita, para o Tâmega, ou à esquerda, pela margem do Cávado, até à fronteira?

À direita, as informações davam o caminho cortado e mais ou menos defendido na Ponte Nova, logo a jusante do lugar de Ruivães; além disso, as forças aliadas deviam rondar perto e era natural que a estrada para Chaves fôsse a primeira a ser interceptada por elas, vindas do Tâmega. A Soult, de certo, não fugiria essa hipótese; e assim, a mais livre saída seria a estrada velha que, pela margem esquerda, quasi no sopé das encostas abruptas, levava a Montalegre.

Havia, porém, que passar por outra estreita ponte, a do Saltadouro, quasi na confluência da ribeira com o rio; a escarpa, dum lado e doutro, é muito dura; os caminhos extremamente difíceis — mas os Franceses conseguiram triunfar das dificuldades com um pouco de audácia e ligeireza. Deu-se o episódio muito conhecido do major Dulong, que os memorialistas da época exaltam com certa razão e que deu a Soult a posse da margem direita da torrente: a defesa feita por homens armados, certamente da Ordenança, não teve consistência, mas quando o destacamento francês se lançou ao assalto a perspectiva não seria essa.

A seguir, poucos quilómetros galgados, surgiu novo obstáculo — e de maior importância: o fundo vale da ribeira de Rabagão, temeroso e fragoento embora com manchas arborizadas; não tem vaus praticáveis e impõe-se ao observador mais desatento pela sua grandeza selvática, pelo imponente aglomerado de rochedos que dá ao conjunto impressionante severidade⁽¹⁾. Lá no fundo, a uns 500 metros da confluência, avistava-se a ponte dum só arco, chamada da Misarela, coberta de trepadeiras que a confundiam com a terra escura, apoiada com certa elegância de

(1) A. P. Taveira no seu *Estudo histórico* cit. chama a esta ribeira *Ragabão*, no que foi seguido por V. José Cesar (*Invasões* cit., 2.^a Parte) e Ferreira Gil (*A Infantaria Portuguesa na Guerra da Península*, 2.^a Parte) e outros. Porém na carta geodésica vem *Rabagão*, assim como na excelente monografia do Sr. P.^e Alves Vieira: *Vieira do Minho. Notícia histórica e descritiva*, que lhe chama o «terrível e indómito Rabagão» (pág. 138).

linhas a pedregulhos enormes, a uma altura considerável sobre a água que, naquele ponto, borbullava em duas soberbas quedas.

Era espectáculo de imponência que o momento não deixaria considerar com atenção merecida⁽¹⁾ — e mal saberiam os invasores que àquele local andavam ligadas certas lendas diabólicas e certas costumeiras e crendices populares⁽²⁾.

Mas, com a noção das realidades, a ponte da Misarela foi assaltada e ocupada com o mesmo desembaraço e audácia com que procederam na véspera. Era absolutamente necessário andar depressa e chegar à fronteira antes de maus encontros — e assim ficou livre a estrada para Montalegre, embora à custa do sacrifício de mais gado lançado à torrente e da bagagem que ainda conseguira aqui chegar. E com estas decisões rápidas e estes sacrifícios que os adversários iam reconhecendo, o exército de Soult conseguiu livrar-se dum passo difficilimo e deixar ligado ao nome do comandante uma acção que o honraria ao par das que o fizeram conhecido nas campanhas da Europa central⁽³⁾.

(1) Contudo nos memorialistas franceses há um ou outro sinal da impressão deixada pelo estranho cenário, especialmente em Le Noble, como referi (op. cit., loc. cit.). Diz até: «Ce tableau pittoresque avait attiré notre attention...» (pág. 113) e «...point de vue fait pour exciter l'enthousiasme d'un peintre» (pág. 112).

(2) Ver, por ex.: o *Archivo Pittorresco*, vol. V, pág. 353, onde há uma gravura em madeira sobre desenho de Lopes Mendes; em Eduardo Noronha: *A Marquesa de Chaves*, pág. 488 e seg.; em Ferreira de Castro: *Terra fria*, cap. VI; P.^e Alves Vieira: *Vieira do Minho* já cit., pág. 337; e ainda recentemente a reportagem d-*O Primeiro de Janeiro* no seu n.º de 15 de Setembro de 1941. O Sr. Dr. Pedro Vitorino publicou há pouco uma curiosa e rara gravura com representação pitoresca e fantástica do combate na ponte (in *Portucale*, vol. XIII, pág. 17). A outra gravura, a que o ilustre crítico e investigador se refere a pág. 16, é conhecida e foi publicada numa colecção de postais, em 1910 (salvo erro), pela *Revista Militar*, celebrando o centenário da Guerra da Península.

(3) «...il étoit impossible de faire mieux en pareille circonstance...», diz desvanecidamente um contemporâneo (M. de Nalles: *Memoires sur la guerre d'Espagne pendant les années 1808, 1809, 1810 e 1811*, a pág. 136). «La retraite que l'on venait de faire merite, certes, d'être placée à côté des plus celebres...», diz outro contemporâneo e testemunha da campanha (Le Noble: op. cit., pág. 115). Etc., etc.

E assim foi que, enquanto as tropas de Silveira lutavam com os maus caminhos e o péssimo tempo, e Beresford, ainda com as hesitações naturais de quem não conhecia a Província, se ia atrasando na sua marcha para o Norte, o duque da Dalmácia, com a maior destreza e talvez com certa serenidade, chegou à Galiza e pôde dizer, conforme um seu subordinado, que o exército não capitulara (1).

E por isso, como é humano sacudir a água do capote, o marechal Beresford alegou que fôra Silveira quem dera ocasião à fuga dos Franceses, deixando que estes saíssem dos difíceis desfiladeiros sem lhes opôr qualquer espécie de resistência séria. Silveira foi, pois, o culpado, por desobediente e inerte; era sobre êle que caíam as culpas do desprestígio do exército e dos prejuízos para a Nação.

E quem era o Brigad.º Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, mais tarde 1.º conde de Amarante, conforme o que está escrito vulgarmente e o tem elevado na consideração de todos?

Era um fidalgo transmontano, de cêpa de certa consistência, cujas raízes iam até ao primeiro cêrco de Diu; estava, então, nos seus 45 anos e trazia, desde a campanha de 1801, fama de desembaraço, de valor e dedicação patriótica que, aliados ao natural prestígio de família, lhe davam preponderância na Província. Os seus êxitos, na entrada do exército de Soult, firmaram-lhe os créditos de comando decidido embora prudente. Não teria princípios de cultura; possivelmente apenas os suficientes para não envergonhar a estirpe; contudo parece que foi dotado de certas qualidades próprias que a experiência aguçou e algum bom senso alargou aos limites necessários para tomar iniciativas ou decisões por sua conta nesta espécie de campanhas e que pouco depois lhe serviram para mais notável papel.

Era, portanto, não pròpriamente «a coisa mais redondamente portuguesa, boçal e valente que deu o século», como, sem qualquer espécie de cerimónia, o



General Francisco da Silveira Pinto da Fonseca

(Gravura, pouco conhecida, da colecção do Arquivo Histórico Militar, cedida obsequiosamente pelo seu Ilustre Director).

(1) Le Noble: op. cit., pág. 115.

classificou Camilo Castelo Branco ⁽¹⁾, mas um modesto condutor de homens que, pelo seu exemplo e espontâneo sacrifício pessoal, estava indicado para ser o centro à volta do qual se moveria o espírito de resistência em Trás-os-Montes; e, junto do exército organizado, o melhor traço de ligação entre os planos oficiais e o indeciso e vacilante espírito popular. Não seria capaz de grandes concepções, mesmo dentro de reduzida área de acção que os sucessos impunham; mas era capaz de executar com energia e acerto qualquer empresa que lhe confiassem dentro de planos superiores, como qualquer outra que, de momento, perante a necessidade ou a conveniência, a sua percepção indicasse.

Impunha-se, por consequência, como elemento preciso na ocasião; e de começo, antes destes sucessos, o marechal Beresford teve com êle atenções em que deu provas de deferência e apreço ⁽²⁾, e até manteve, no momento da retirada de Amarante, e perante certo desânimo que levou Silveira a considerar-se sem competência militar ⁽³⁾, uma assistência moral digna de nota. «Já disse a V. S.^a que não se seguia de necessidade que um general fôsse o culpado de uma derrota», escreve, dias depois do ataque à ponte, enunciando, por sinal, um princípio estranho que alija muitas

⁽¹⁾ *A Engeitada*, cap. I. Em outro romance, Camilo diz também: «... personagem admiravelmente boçal e intrépido, capaz de imitar os Codros e os Curcios se os conhecesse;...» (*A Filha do Dr. Negro*, cap. I). E' possível que esta opinião seja influenciada pela vida do filho, o truculento marquês de Chaves. O juízo era idêntico, pela mesma época, no romancista Arnaldo Gama: «...entusiasta intrépido mas ignorante.» (*O Segredo do Abade*, cap. XI), como aliás já fôra no P.^e José Agostinho de Macedo, conforme ficou referido.

⁽²⁾ A 28 de Março anterior, dizia-lhe, de Lisboa: «tenho... a satisfação em observar no procedimento de V. S.^a um zelo e afecto leal... e de assegurar a V. S.^a quanto desejarei uma ocasião de manifestar de um modo mais público estes meus sentimentos, etc., etc.» (Doc. n.º 390 (433) da colecção *Subsidios para a história militar* cit., a pág. 268 do vol. XXII da mencionada *Revista*).

⁽³⁾ «Já representei a V. Ex.^a que a minha saúde é muito pouca, que os meus conhecimentos militares são mui pequenos...» (Ofício de 2 de Maio para Beresford: doc. n.º 1, fls. 196-197 na caixa 18, da 14.^a secção, 1.^a Divisão, do Arquivo Histórico Militar, publicado nos cit. *Subsidios*, a pág. 210 do vol. XVI da *Revista* mencionada).

responsabilidades; «a conduta pessoal de V. S.^a, acrescenta, tem sido desde o princípio tão patriótica, honrada e digna de louvor, que não duvido fizesse da sua parte todos os esforços para remediar a desgraça»; e querendo separá-lo da incapacidade de muitos dos seus oficiais, incute-lhe ânimo para futura e próxima desforra ⁽¹⁾.

Estava ainda no começo do seu comando, não se teria integrado, por completo, no ambiente militar português; e como a situação não era, também, desafogada para os Ingleses, mostraria certa benevolência que se não conforma muito com a impressão de dureza que dêle ficou entre nós.

Além disto, no primeiro momento, perante a contradição natural de notícias, Beresford sentiu certa indecisão e as suas ordens são, nalguns pontos, condicionais, isto é, admitem alterações a que os subordinados poderiam ser obrigados ⁽²⁾.

O que faria Soult? que caminho seguiria? como se comportaria perante os embarços levantados pela acção do exército anglo-luso? Em 13, declara mesmo com franqueza: «não tenho a respeito disto (a direcção ou direcções de marcha dos Franceses) ainda informações sobre a qual (sic) possa julgar» ⁽³⁾. A situação do Marechal francês era, de facto, a mais confusa possível; e Beresford estava já em Amarante, relativamente perto das estradas que constituíam os raros escoadouros para a retirada.

Da consciência destas indecisões, das dificuldades com que sinceramente se debateu para ver claro nos planos do adversário (cujo valor não podia deixar de respeitar) é que veio, com certeza, a indulgência com

⁽¹⁾ Ofício datado de Coimbra, aos 5 de Maio, para Silveira, publicado no doc. n.º 118 (84) dos *Subsidios* supra cit. a pág. 212-213 do vol. XVI da *Revista* também citada.

⁽²⁾ «...pois cada hora pode mudar a situação relativa aos dois exércitos e V. S.^a ver-se-há obrigado a tomar as suas medidas em consequência...» (Ofício de 28 de Março supra cit.).

⁽³⁾ Ofício para D. Miguel Pereira Forjaz, datado, naquele dia, de Amarante. (Doc. n.º 1, fls. 233, na caixa 18, da 14.^a secção, 1.^a Divisão do Arquivo H. Militar, publicado a pág. 254 do vol. XVI da cit. *Revista*, nos referidos *Subsidios*).

que, também, procurou explicar a demora das tropas de Silveira na sua marcha para o vale do Cávado, quer lançando as culpas para o mau tempo que incessantemente fazia, quer pelas dificuldades postas pela aspereza da região. Diz de maneira vaga «que o péssimo tempo e os maus caminhos ainda piores com as chuvas continuadas, impediram a chegada das tropas» — embora já com insinuação à cerca da maneira como as suas ordens foram cumpridas ⁽¹⁾; e até o próprio Wellesley, ao noticiar as providências tomadas, toca ao de leve no assunto, sem entrar em apreciações desagradáveis e, até, sem atribuir verdadeiramente culpas; diz apenas que o plano não teve êxito, porque «Silveira chegou infelizmente mui tarde» ⁽²⁾.

Esta brandura era natural, pois as operações não tinham terminado; e ainda não estavam reunidos todos os elementos avaliadores da maneira como elas correram; os próprios comandantes ingleses também se procuravam justificar, não só aludindo vagamente aos sucessos que lhes diziam respeito, como passando de largo, cautelosamente, pelos que a outros tocavam.

Porém, com o tempo, as cousas mudaram; tudo se começou a esclarecer; cada qual pôde dizer de sua justiça e a saber que eram fantasias as afirmações patrióticas que na imprensa vieram publicadas para manter o espírito público e não deixar esmorecer o

⁽¹⁾ Ofício datado de Guinzo, aos 20 de Maio, para D. Miguel Pereira Forjaz (Doc. n.º 1, fls. 241-242, da caixa 18 da 14.ª secção cit. no Arquivo Histórico Militar; há dêste doc. a minuta, em francês, pelo punho de Beresford, na caixa 17 da mesma secção, bem como uma cópia, no doc. n.º 1, fls. 25, desta mesma caixa 17). Este ofício está publicado nos mencionados *Subsídios*, com o n.º 134 (99), a pág. 320 do vol. XVI da *Revista do Exército e da Armada*.

⁽²⁾ Ofício para D. Miguel P. Forjaz, datado de Ruivães, aos 19 de Maio (Doc. n.º 2, na caixa 10, da 14.ª secção da 1.ª Divisão do Arquivo H. Militar). Em outro ofício, enviado na véspera, de Montalegre, diz mais lacônicamente: «...infelizmente já era tarde...» (In *Gazeta de Lisboa*, n.º 27, de 3 de Julho). Este último ofício vem com grandes variantes transcrito em Soriano: *História da guerra civil* cit., Segunda época, tómo V, Parte I, a pág. 469, doc. n.º 65-c.

sentimento de reacção contra os invasores ⁽¹⁾. Surgiu certo arrefecimento que a distância a que estavam os exércitos franceses e, conseqüentemente, a imprevidência que nos é natural, vieram naturalmente aumentar. É possível que se imaginasse o País livre, para sempre, de invasões e que as tropas napoleónicas não viriam, de novo, arrostar com as dificuldades naturais e com o valor e resistência dos Portugueses a quem o auxílio britânico deformaria, pelo aumento, os seus próprios recursos e qualidades. Isto é, chegou a altura de se começar o apuramento das responsabilidades alheias em proveito do alijamento das próprias...

É difícil esmiúçar o que se passou no rescaldo inevitável da série de acções favoráveis e desfavoráveis que implicavam culpas e desculpas dêste e daquele; mas logo uma semana depois do ponto culminante ou crítico da retirada, quando Soult, definitivamente livre dos perseguidores, se internou na Galiza, o Marechal Beresford sentiu a necessidade de justificar a inutilidade dos seus esforços para cortar o caminho aos adversários e de não corresponder às esperanças que, pelo País abaixo, se depositava nêle. E assim, não podendo deixar de culpar o mau tempo que fazia, ia já insinuando algumas irregularidades por parte de Silveira, até certo ponto comprometedoras do êxito dos seus planos que, aliás, as circunstâncias não deixaram executar como seria seu desejo ⁽²⁾. E nessas insinuações há já aspereza que se contradiz com as amabilidades de pouco tempo antes — na mesma altura em que Wellesley, esquecendo que os seus soldados se não mantinham com a disciplina que é normal no exército britânico, censurava acremente (e com muita

⁽¹⁾ O *Diário Lisbonense* nos seus n.ºs 18 e 24, de 23 e 30 de Maio, assim como a *Gazeta de Lisboa* nos n.ºs 20, suplemento extraord. de 20 de Maio e alguns seguintes, dão notícias fantasiosas à cerca da retirada, entre as quais o aprisionamento do próprio Soult e a maior parte do seu exército.

⁽²⁾ Napier, embora patricio, diz mesmo: «Depuis le 14 jusqu'au 17, de part et d'autre, les marches et les combats furent parfaits; il n'y eut de faute que dans les operations du marechal Beresford.» (*Histoire de la Guerre dans la Peninsule...* Traduction, Paris, 1827 e seg.; livro VIII, cap. II, pág. 368 do vol. 3.º).

razão) alguns casos de incorrecção e, até, de insubordinação nas tropas portuguesas (1).

Por seu lado, Silveira, sentindo a sua má situação não só perante os comandos superiores mas parece que, muito principalmente, perante o País, tratou de fazer uma espécie de defesa pública a que chamou, com pouca propriedade, o seu *Diário Oficial*, no qual expõe, bastante em resumo, o que fêz desde que Soult se aproximou da fronteira de Trás-os-Montes, em Março daquele ano, até que se internou na Galiza, ao retirar. E como se não contentou com o conhecimento do que escrevera feito particularmente, fêz publicar o escrito na *Gazeta de Lisboa*, para que todos avaliassem a sua acção e pudessem fazer o seu juízo (2).

Contou, então, como se desenrolaram os sucessos, realçando os feitos da sua gente, ocultando os desastres sofridos e narrando, na linguagem da época, as fugas «vergonhosas» dos Franceses e a recusa de se submeterem ao combate com as tropas aliadas. O público que leu a *Gazeta* confirmou, no seu juízo anterior, os créditos do General Silveira e mais uma vez teve ocasião de deprimir o valor do exército napoleónico.

Porém Beresford não gostou da publicação feita, demais a mais sem seu conhecimento; parece que quis ver nela intenção de diminuir a sua acção de comando e os seus méritos de chefe e ainda de lhe reduzir ao mínimo a glória da expulsão do marechal Soult. Naturalmente, sentiu-se; e como já haveria qualquer espinho anterior que se pressente nos officios, em especial no de 20 de Maio (3), Beresford queixou-se a D. Miguel Pereira Forjaz (4). Vê-se que hesitou em

(1) Por ex.º os casos do marquês do Lourçal (Cfr. officio de Wellesley para o Brigadeiro Campbell, de 24 de Maio: Doc. n.º 3 na caixa 10, 14.ª secção da 1.ª Divisão do Arquivo H. Militar); ou da Brigada do Algarve (regimentos n.ºs 2 e 14); etc., etc.

(2) *Diário Oficial* já citado.

(3) Cit. acima; é o datado de Guinzo.

(4) Chegou mesmo a dizer: «...do que mais me queixo é de ter mandado directamente a V. Ex.ª o seu diário... e ainda isto lhe não dá direito algum de fazer um diário official independente do seu Comandante em chefe...» (Officio de 13 de Julho para D. Miguel P. Forjaz: doc. n.º 1, fls. 172-177, na caixa 17, 14.ª secção da 1.ª Divisão no Arquivo H. Militar; publicado a pág. 346 do

proceder disciplinarmente, como comandante-chefe do exército, contra o seu subordinado; razões o levariam a isso, com certeza fundadas no prestígio de Silveira, nos serviços que este prestara bem patentemente, no péssimo efeito que produziria tal acção a seguir ao conseguimento espectacular da expulsão dos Franceses.

Beresford limitou-se, pois, a formular uma queixa ou talvez um libelo de indisciplina no qual descarregou talvez a sua má vontade e o seu azedume, lançando assim o caso para a competência do ministro da Guerra. E nesta queixa não havia já o tom indulgente dos documentos anteriores; o Marechal deixou correr a sua má disposição, em especial no que respeita a desobediência, acusando claramente Silveira de não cumprir as ordens dadas, de que resultou o malôgro completo dos seus planos e o evitar a captura do exército francês. «...eu provarei mais, escreve, que se êle houvesse obedecido às minhas ordens, o Marechal Soult não teria jamais escapado», e afirma logo a seguir que «se êle (Silveira) houvesse obedecido às minhas ordens não poderá negar que teria podido chegar a Ruivães a 15, tempo em que teria podido prevenir o exército de Soult». E termina, agastado, no final do rosário de acusações: «depois disto... ainda se atreve a dizer que nada fêz que me dê razão de descontentamento...» (1).

E esta má vontade seguiu. Mais adiante, em Setembro, volta a queixar-se, a propósito da passagem do marquês de la Romana, das iniciativas de Silveira contrárias às ordens dadas: «...eu não posso deixar de representar a SS. Ex.ª os péssimos resultados que podem finalmente acontecer se o Marechal de campo Silveira persiste no por que foi tantas vezes advertido contra, e mesmo repreendido...» (2).

vol. XIX da *Revista do Exército e da Armada* na citada colecção de documentos).

(1) Officio de 13 de Julho supra cit.

(2) Officio de 8 de Setembro, datado do Calhariz de Lisboa para D. Miguel P. Forjaz (Doc. n.º 1, fls. 294-298, da caixa 17, na 14.ª secção da 1.ª Divisão, no Arquivo H. Militar; está publicado no doc. n.º 376 (419) dos *Subsídios* a pág. 91 do vol. XXI da *Revista* citada).

E ainda em Dezembro seguinte, dirigindo-se aos Governadores, o espinho cravado faz-lhe soltar estas palavras duras e, digamos, injustas: "...e êle (Silveira) não tem vergonha militarmente, tantas vezes que se tem enganado de nos repetir a mesma cousa do que devo confessar a SS. Ex.^{as} que estou cansado porque não temos jamais um raciocínio sôbre que êle funde a sua opinião..." (1).

E Beresford, aqui, já um pouco mais adaptado ao ambiente português e mais senhor das rédeas do comando, não dizia as cousas com as cautelas que usara; era claro e preciso: Silveira não tinha vergonha militarmente... Sente-se desculpado das atenções que dispensou ao chefe transmontano, da confiança que nêle depositou e, possivelmente, do apoio moral que lhe deu nos primeiros tempos da campanha. Agora, o general Silveira era, por assim dizer, criatura que se deveria arredar, não só como pouco competente no comando, como também pela opposição que poderia dar aos seus desígnios.

E como Silveira fraquejara perante a crescente prepotência do Comandante-chefe, Beresford viu-se mais livre para lançar sôbre aquele o pêso da sua má vontade.

*
* *

Realmente, Silveira teve momentos de fraqueza, creio que pouco conhecidos da História e muito menos condizentes com o seu nome e prosápia própria e da família.

Logo a seguir à publicação do *Diário*, qualquer pronúncio de trovoada fez-lhe assinar um officio em que transparece subordinação forçada, com laivos de subserviência: «confesso a V. Ex.^a francamente que me não sei decidir sôbre as operações que devo fazer...»; e quasi a seguir: "...e não me

(1) Officio de 3 de Dezembro de 1809, datado do Quartel General de Lisboa para D. Miguel P. Forjaz (Doc. n.º 1, supra cit., fls. 494-500; foi publicado na mesma colecção de *Subsidios* com o n.º 444 (476) a pág. 32 do vol. XXIII da mencionada *Revista*).

pertencendo a mim senão obrar conforme as ordens de V. Ex.^a... espero que V. Ex.^a me determine o que devo fazer, etc." (1). Isto é sintoma de que qualquer cousa havia e que o fêz mais cauteloso. Depois, veio a queixa oficial para Lisboa.

O que se passaria no seu espírito, quando soube da queixa do Marechal, não se avaliará facilmente; mas os documentos dão-nos a impressão de abatimento inesperado sem grande justificação aparente. A queixa feita para D. Miguel Pereira Forjaz ou para a Regência, baseada, decerto, nos sucessos desde a retirada da Ponte de Amarante, parece que deitou abaixo a natural resistência moral, mantida com certa galhardia, a que os seus 45 anos dariam compensador esteio.

¿ Não se sentiria apoiado pelos seus patrícios? ¿ Reconheceria a inferioridade resultante da confissão anterior da sua incapacidade militar, que daria ao Comandante-chefe argumentos desfavoráveis e oficialmente fundamentados? ¿ Recearia punição que lhe esmagaria de vez o prestígio já abalado? ¿ Teria qualquer depressão física momentânea que lhe turvasse a visão do momento? O certo é que a seguir à queixa de Beresford, Silveira veio justificar-se com alguma humildade e, deve dizer-se, sem grande apurmo.

A justificação é documento extenso, lamuriento, bastante confuso, em cujas entrelinhas se retrata em parte e em cujas linhas não mostra a elevação que era lícito esperar das tradições (2). O tom em que está escrita destoa por completo da idéia que geralmente se forma do autor (3); e para quem sempre viu em Silveira o paladino da defesa do norte do País

(1) Officio datado da Casa dos Montes (Chaves) aos 23 de Junho, para Beresford (Doc. n.º 183 (326) dos *Subsidios* cit., a pág. 100 do vol. XVII da *Revista do Exército e da Armada*).

(2) Esta «explicação» de Silveira, embora publicada, é muito pouco conhecida e não me consta que fôsse aproveitada para qualquer trabalho acerca do seu autor. Está no doc. n.º 1, a fl. 244-249 na caixa 17 da 14.ª secção, 1.ª Divisão no Arquivo H. Militar; e foi publicada nos cit. *Subsidios* com o n.º 342 (385) a pág. 332 do vol. XX da *Revista* mencionada.

(3) Cfr. Adriano Beça: *A fisionomia moral de Silveira*, na *Revista Militar*, vol. 61, pág. 163.

contra os Franceses, causa certa admiração e confrangimento.

Confessa a vaidade com que escreveu o *Diário* que, depois de publicado na imprensa, parecia querer indicar que o Marechal britânico não tivera acção superior, mas sim que só êle, Silveira, punha e dispunha a seu talante da direcção das operações; tudo fôra ligeireza impensada, pois só as determinações do comando inglês tiveram consequência e só perante as suas disposições os Franceses fugiram. Êle, Silveira, sentia que não correspondera à missão e «não pode deixar de confessar que depois da sua chegada a Amarante e em execução das ordens do Marechal para a sua marcha ao longo do Tâmega, e depois de cometer grandes erros militares que lhe foram ponderados pelo marechal comandante em chefe com muita indulgência... etc.». E termina por sentir que, na verdade, houve diferença grande (que deu, como diz, «equivocação») entre a realidade e as primeiras inconsideradas louvaminhas distribuídas aos seus oficiais a quem, aliás, deveu a maior parte dos desastres sofridos; e no final afirma que entende dever dar «esta explicação», por considerar «as consequências que poderá ter êste procedimento para o serviço de S. A. R.», e também porque «se outros seguissem o seu exemplo, isto levaria a tôda a espécie de confusão e insubordinação...».

Há neste documento o que quer que seja de estranho e, nalguns passos, traz à memória certas declarações de condenados no Santo Offício quando pretendiam agradar aos algozes; e Beresford é natural que ficasse mal impressionado, pois, referindo-se-lhe, escreveu para D. Miguel Pereira Forjaz que a «*declaration est vraiment toute (?) infantine, et en provocation surpasse aucune chose que j'ai jamais vue...*» (1).

E, a-par disto, Silveira insiste nas afirmações da sua inferioridade, e acusa com pouco brio os seus erros involuntários, «nascidos da falta de conhecimentos», em officios quer para Beresford quer para o próprio

(1) Carta autógrafa de Beresford anexa à «*explicação*» de Silveira, in loc. cit. E' datada de Almeida aos 5 de Agosto.

ministro D. Miguel; como sente que perdeu a estima e contemplação do Marechal comandante-chefe, passou a viver «no maior desgosto e tão atormentado» que conhece não poder continuar a servir os cargos em que está investido; e chega a implorar a «contemplação» do seu superior, declarando a Beresford que «sem ela não me acho capaz de poder cumprir com os meus deveres», e afirmando que «se a posso tornar a merecer, farei todos os sacrificios, mas se as minhas faltas merecerem tal castigo, não é justo eu me exponha a cair em novas». E como se isto não bastasse, termina: «Perdoe V. Ex.^a esta representação que é nascida do respeito, submissão e obediência que consagro a V. Ex.^a, etc.» (1).

Isto, verdadeiramente, não condiz muito com os panegíricos da época nem com os louvores modernos que o querem tomar como protótipo das qualidades viris do Transmontano (2).

Beresford, porém, não se comoveu. Continuou sempre a tratá-lo com sobrançeria e parece que indiferente às lisonjas. E apesar do exército francês andar longe e as ameaças de invasão não serem muito insistentes durante o inverno, Silveira ainda volta a dizer que não ambiciona comandos, que se retiraria do serviço activo se não fôsse a causa por que se batia; que receia ter de abandonar a Província sem a defender — pois insiste: «a minha saúde e conhecimentos militares são tão poucos que conheço que dêste modo pouco posso servir S. A. R.» (3).

Esta insistência em se depreciar, em se amesquinhar mesmo, faz notar, com surpresa, a curiosa situação

(1) Offício de Silveira para D. Miguel P. Forjaz e carta para Beresford, datados, ambos, da Casa dos Montes (Chaves) aos 17 de Julho. O officio é autógrafa, a carta é cópia. Estão juntos no Doc. n.º 3, fls. 1-3 (relativo ao mês de Julho) na caixa 17, da 14.ª secção, 1.ª Divisão do Arquivo Histórico Militar.

(2) «Silveira reunia em si tôdas as qualidades viris dos povos transmontanos: energia, decisão, altivez e grandeza de ânimo» ou «... a nobre altivez do seu carácter másculo e leal.» (Adriano Beça: *A fisionomia moral de Silveira* cit.).

(3) Offício datado de Chaves, aos 17 de Novembro, para D. Miguel P. Forjaz (Doc. n.º 3, fls. 41, maço de Novembro, na caixa 17, secção 14 da 1.ª Divisão do Arquivo H. Militar).

de um homem que oficialmente ocupa postos honrosos, que oficialmente se mantém em cargos espinhosos de responsabilidade; e que, apesar de estar constantemente a dizer, com carácter oficial, que tem pouca competência, que não sabe o que há-de fazer, continua a ser cumulado de honrarias e provas de confiança (!) Estranha contradição que creio não foi notada ainda e que apresenta aspecto inédito e cheio de interesse.

E aqui se levanta o problema seguinte: ¿ porque é que Silveira se deixou levar a êsse plano inclinado que não condizia bem com a situação do momento nem com os seus serviços? ¿ Porque é que Beresford, embora se queixasse do seu subordinado e o considerasse como inferior à craveira necessária, o foi mantendo no comando e não pôs o pêso da sua autoridade para o dispensar do serviço e ainda, depois, o manteve pelo tempo adiante, enquanto durou a guerra?

Há nisto tudo uma série de contradições que se não desfazem nem explicam muito bem e que levam a supor, por momentos, quaisquer influências ocultas ou maquinações que não deixaram rastro escrito; contradições que a atmosfera terrível da guerra poderia criar, ou emulações e mesquinhas intrigas de prestígio entre vizinhos de província (2).

E tudo isto, junto ao facto de Beresford não ver coroado de êxito os seus planos (se realmente os teve),

(1) A promoção de Brigadeiro a Marechal de Campo, saíu em Ordem do dia de 21 de Maio, do Q. G. de Chaves, na altura em que, segundo Beresford, o marechal Soult se escapara por pouca diligência e indisciplina de Silveira.

(2) É interessante notar que Silveira, pouco tempo passado por cima destas atitudes de submissão e das confissões da sua inferioridade, queixou-se, perante D. Miguel P. Forjaz, de não ser tão recompensado pelos seus serviços como o foi o seu patrício General Bacelar, que reconhece não ter prestado tantos e melhores; e como se o protesto oficial não seja suficiente, declarou que «deve-me ser permitido que eu os faça patentes (os serviços) a toda a Nação pois mais do que a minha vida prezo a minha reputação...» (Ofício datado de Chaves, aos 2 de Dezembro de 1809, doc. n.º 3, fls. 13 do maço de Dezembro na caixa 71, da 14.ª secção, 1.ª Divisão do Arquivo Histórico Militar).

A propósito da muita documentação existente no Arquivo H. Militar e tantas vezes citada neste trabalho, nunca é demais notar e louvar a assistência desinteressada que o seu ilustre Direc-

deveria influir na formação dos juízos e nas suas conseqüências.

*
* * *

Enfim, os considerandos que aí ficam, sugeridos por digressão agradável às belas regiões que foram teatro de todos estes sucessos, estão sujeitos, é claro, às naturais rectificações. Perante a extraordinária beleza do vale do Cávado ou as agruras do Barroso e ainda a impressionante grandeza da veiga tameguense, senti quanto esforço, bravura e qualidades de adaptação deveriam ter os soldados napoleónicos para arrostarem vitoriosamente com natureza tão difícil e agressiva; mas ao mesmo tempo lastimei que essa admiração viesse paralela ao desabar de parte da fama de um homem cujo nome a História tinha sólidamente elevado e a quem a sua Província parece que deveria ter dado fibra um pouco mais rija.

A História, realmente, como disse Camilo, não é obrigada a ser caritativa (!); mas o que aí fica escrito não tem foros de sentença — são simplesmente considerandos ligeiros a que documentos desconhecidos, ou pouco manuseados, fizeram baixar a imaginação para realidades desagradáveis.

E como escreveu o prégador Fr. António das Chagas, direi também que «não posso sempre fazer o que quero, por isso me contento com fazer o que posso...» (3).

Lisboa — Junho, 1941.

BELISÁRIO PIMENTA.

tor, o Sr. Coronel Ferreira Lima, dá a todos os consulentes, especialmente aos de fora de Lisboa que pouco tempo podem dispôr para a consulta; e é justo também tornar extensivo êsse louvor ao pessoal superior do Arquivo, sempre solícito e atencioso — o que não acontece em toda a parte.

(1) *Scenas da Foz*, cap. XVIII.

(2) *Cartas espirituais*, carta 76 (ed. Sá da Costa).